



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSÉ ALBINO MACIEL

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-600

Entrevistado: José Albino Maciel

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte/UFRGS

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras, Suellen dos Santos Ramos e Leila Carneiro Mattos

Data da entrevista: 09/10/2015

Transcrição: Ayllu Acosta

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 46 minutos e 07 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o esporte e o lazer; Controle social do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Associação Comunitária do Parque Ararigbóia; Esportes Adaptados para Idosos; Jogos de Integração do Idoso; Câmbio; Encontro Nacional de Brasília; Fundação do Esporte e do Lazer do RS (FUNDERGS); Federação Gaúcha de Jogos Adaptados para Idosos; Arbitragem; Política Nacional do Idoso.

Porto Alegre, 09 de outubro de 2015. Entrevista com José Albino Maciel a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras, Suellen dos Santos Ramos e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Maciel, eu queria lhe agradecer, principalmente, por ter vindo em um dia como hoje até o CEME nos conceder essa entrevista.

J.M.– Por mim não tem problema.

P.J. – Eu queria que você começasse falando sobre o seu envolvimento com a temática do esporte e do lazer. Desde os seus primeiros passos como praticante, depois na área de...

J.M.– Bom, por que eu ingressei? Seguinte, eu frequentava na época e ainda frequento o Parque Ararigbóia. Eu fui ali para fazer alongamento, porque antes eu caminhava muito e a minha mulher dizia para mim: “Tu tem que fazer alongamento, vai lá que lá tem alongamento e tu não precisa pagar nada”. Porque sempre tem aquele negócio, né... Aí fui, mas já de cara me convidaram para participar da diretoria, nós temos uma associação¹ ali. Eu entrei como secretário, vice-presidente, presidente, estou até hoje lá. Pratico também musculação, deixei o alongamento, comecei a fazer musculação mais por causa da idade, que eu estou com setenta e sete anos, tu viu ali. Então, para nós é importante a musculação porque nos fortifica a musculatura e protege os ossos. Comecei a jogar esse jogo que te falei no início, os Jogos Adaptados para Idosos. Nós temos o Câmbio, conhece?

P.J. – Sim.

J.M.– Pois é, acho que desenvolveu bastante, caiu no gosto da comunidade, todo mundo gosta. Litoral, serra, a tua região foi pioneira nos Jogos Adaptados para Idosos lá na Universidade Federal de Santa Maria, e a Unisinos². A gente praticava e, ao mesmo tempo, eu era presidente da Associação, eu sempre me envolvi muito. Eu sempre tive a pretensão de promover o espaço público, porque eu não entendia como é que as pessoas detonavam

¹ Associação Comunitária do Parque Arrigbóia.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

com o espaço público, vandalizavam, quebravam, esculhambavam. Eu ali encontrei um campo próprio para isso, já existia uma associação e a gente fez uma parceria com o governo. Nós cobramos uma pequena taxa de cada usuário por mês, nós não cobramos mensalmente, mas digamos assim, oito reais por mês nós cobramos em duas parcelas. Eles acreditaram em mim, eu acreditei que podia acontecer uma coisa importante e estamos ali. Pode nos visitar ali, tu vai ver o estado que está essa parte física, e tudo melhora também, a parte pedagógica melhorou, o corpo docente melhorou. Não é que melhorou, mas é que os melhores professores querem ir para lá, porque eles não ficam restritos de material, essas coisas todas que vocês precisam. Aí a secretaria³ precisava, veio esse projeto do PELC⁴, ela era secretária na época...

P.J. – Quando que começou isso, Maciel? Não se recorda da data mais ou menos?

J.M.– Não, não me recordo. Podia ter pensado nisso, mas...

P.J. – A secretária era a Rejane⁵?

J.M.– Era a Rejane. Olha aqui, não queria falar em política, mas é... [risos] A administração do PDT⁶ eu acho que já tem quase dezesseis anos, não, quase doze anos. Foi logo que eu cheguei lá no Ararigbóia, eu comecei lá há dezesseis anos. Digamos que quando eu estava lá há dois anos, faz quatorze anos, ela me convidou para participar desse projeto como agente de controle o social, entidade de controle social. A minha função era visitar os locais onde estavam ocorrendo as atividades. Eles precisavam de uma entidade não governamental sem fins lucrativos, aí eu participava. Várias vezes eles me mandavam... Esse projeto tinha um prazo de duração, não me lembro bem, parece que seis meses, um ano.

P.J. – Era um ano, acho.

³ Secretaria Municipal de Esportes.

⁴ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

⁵ Rejane Penna Rodrigues.

⁶ Partido Democrático Trabalhista.

J.M.– É. Durante aquele período... É porque aí tinha que... Dava um hiato ali porque eles tinham que, novamente, encaminhar toda a papelada para renovar, fazer um outro período. Ela mandava a caminhonete, porque... Eu até nem preciso destas coisas porque eu quando tenho que ir me locomover, eu vou de qualquer maneira, mas é que tem lugares que eles tem uma certa prevenção. Então, eu ia na caminhonete da Prefeitura e eu brincava também que a camiseta da Secretária era é à prova de bala [risos], mas nunca aconteceu nada, para mim nunca aconteceu nada de estranho. Eu ia e verificava, tinha contato com as comunidades, com os grupos. Esse projeto era bom porque ele incluía todo a família, era criança, adolescente, mulher, que eu achava importante também, e eu acho que idosos, não me lembro bem.

P.J. – Quais eram os lugares que vocês visitaram no controle social do PELC?

J.M.– Agora tenho que me lembrar.

P.J. – Ou de alguma visita específica que você lembra que chamou a atenção.

J.M.– O que me chamou mais a atenção foi aquele projeto lá no Humaitá⁷, lá naquela rua que passa ali naquele... Eu não conheço direito lá. Lá tinha bastante atividade, reunia bastante gente. Alguns lugares até tinha pouco gente, mas ou tinha pouca criança e mais adultos. É no Humaitá, que eu me lembre, como vai lá eu não sei te dizer. Até tinha lá um negócio do SESC⁸ que acabaram demolindo, mas enfim, é lá no Humaitá o que me chamou mais a atenção. Eu acho que eu ia mais para os lados de lá.

P.J. – Como que eram essas visitas, o senhor conversava com a comunidade? Como eram escolhidas as atividades para aquela comunidade específica?

J.M.– Isso não era eu que escolhia, eram eles que escolhiam. Eles têm uma pedagogia muito legal, que eu reconheço porque eles faziam a pedagogia do Ararigbóia, tem a coordenadora pedagógica. Então, faziam muito bem, isso aí eu não tinha nada a ver. A

⁷ Bairro da zona norte da cidade de Porto Alegre.

⁸ Serviço Social do Comércio.

única coisa que eu recebia era isso aqui, eles queriam abranger a família porque se não abrange, não dá resultado.

P.J. – A comunidade dava algum retorno para o senhor falando do projeto?

J.M.– Sim, eles eram receptivos, conversavam, gostavam, manifestavam a maneira como eles recebiam bem. Tinham voluntários que também trabalhavam, alguns, não eram muitos. Com eles eu tive mais contato.

P.J. – Há quanto tempo tu trabalha nessa parte de controle social do PELC?

J.M.– Acho que isso aí faz uns quatorze anos.

P.J. – Desde que o PELC se inseriu no...

J.M.– Depois, ultimamente eu já não ia mais, eles não me convidavam mais. Agora, eu não sei se os programas não incluíam esse item de agente de controle social, ou se a gente não está mais fazendo, acho que não está mais. Depois, houve uma época que passou para o Pronasci⁹, não foi?

P.J. – Pronasci, é.

J.M.– Toda aquela parte de antes não aconteceu mais, pelo menos não me convidaram.

P.J. – O senhor participou, primeiro como praticante depois passou a ser presidente da Associação?

J.M.– Sim, sim.

P.J. – Como que se deu essa mudança até a Rejane chegar no senhor e convidar para participar do controle social do PELC?

J.M.– É porque a gente tem uma afinidade muito grande com a Secretaria, coisa que eu nem devia dizer, mas eu vou dizer, a gente ajuda muito a Secretaria, ajuda até em dinheiro. Quando eles estão mal de vida lá, não tem dinheiro nem para... A gente, enquanto Associação repassa para eles, e eles depois devolvem esse dinheiro. Então, a gente tem uma afinidade muito grande. É como eu te disse, eu não tenho interesse nenhum, nunca tive, nenhum, de nada, nem de ganhar dinheiro, nem de nada. Eu sou funcionário do Banco do Brasil aposentado, quando me aposentei, me aposentei bem. Eu fui ali, simplesmente, porque gostava e gosto dessa defesa do espaço público, acho muito importante. Eu acho que o governante sofre muito, eu tenho o meu partido, eu não quero saber quem é que está lá na Secretaria. Eu faço a minha atividade ali, quando tem que reclamar, quando tem que pedir, quando tem que me dirigir a eles, eu não faço diferença de partido.

P.J. – Dentro das atividades que o senhor acompanhou que o PELC desenvolveu, qual o senhor acha que seria a de maior destaque. Qual o senhor acha mais importante?

J.M.– Dessas atividades do PELC?

P.J. – Sim.

J.M.– Eu, para te falar a verdade, eu não tenho, eu acho que todas eram. O que me chamou atenção, que eu gostava, era a que toda a família participava, em atividades diferentes, mas eles participavam.

P.J. – O senhor comentou um pouco a questão dos esportes adaptados, né?

J.M.– Sim.

P.J. – O senhor praticou?

J.M.– Estou praticando ainda.

P.J. – O senhor pode falar um pouco como são essas atividades?

⁹ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

J.M.– Isso foi o seguinte: também um pouco depois de eu ter entrado, existe treino no Ararigbóia e, de início, era uma coisa meio diferente a gente jogar Câmbio, por exemplo. Vou falar do Câmbio porque foi o que pegou melhor aqui, é um esporte muito simples, muito fácil, com lances fáceis, não tem corpo a corpo, os idosos não podem se quebrar mais. Foi de tal maneira crescendo e crescendo na região metropolitana, litoral, serra. Hoje, tem milhares de pessoas jogando, ontem mesmo eu passei o dia todo jogando. Isso aí nós achamos e temos certeza que faz bem para tudo: para quem é diabético diminui ou até cura; colesterol; ósseo-musculares porque o pessoal está com dor, chega lá, joga e não sente dor nenhuma; circulação; respiração; depressão. Eu acho que, principalmente, o jogo de Câmbio, além de outros esportes tipo caminhada, musculação e outros que os idosos fazem, o jogo de Câmbio foi excepcional porque ele te dá até uma certa autonomia. Como? “Tem jogo lá em São Leopoldo. Vamos lá?” “Vamos.” Porque todo mundo quer jogar. “Como é que nós vamos fazer?” “Combinamos com o homem da van, é tanto para cada um. Vamos.” Então, eu acho que deu uma certa autonomia para gente. Os filhos não ficam perguntando: “Pai, onde é que tu vai? Cuidado.” Sabe aquela coisa? Não... Eles nem se importam mais com a nossa vida. Nós vamos e voltamos, é tudo gente do bem, ninguém fuma ninguém bebe, ninguém cheira. A gente está sempre num ambiente super agradável. Eu digo que não fuma mesmo porque tem sempre aqueles que vão lá num cantinho pitar, não tem? Saem e vão lá num cantinho pitar, lá não tem isso aí. Gente bem disposta, bem animada, precisa ver, vocês precisam conhecer isso aí para depois vocês fazerem a história também. Isso aí foi muito importante. Bom, aí eu perdi o ritmo...

P.J. – Não, era isso mesmo. [risos]

J.M.– Aí a gente começou a jogar, jogar e jogar e tem os Jogo de Tramandaí¹⁰ que é agora de 05 a 08 de novembro. O Governo do Estado é que promove as festividades lá. Eu estimulava no início para não perder, porque a professora me dizia assim, a educadora lá: “Maciel, incentiva o pessoal a vir porque a Secretaria disponibilizou um professor, um horário no ginásio e se a gente não tiver aluno, eles vão tirar o professor daqui e vão colocar em algum outro lugar que tenha”. Isso é uma coisa óbvia! Eu fui estimulando, estimulando, estimulando... E deu no que deu.

P.J. – Nesses Jogos que o senhor comentou agora que vão acontecer em Tramandaí, é isso?

J.M. – Sim.

P.J. – Quantas pessoas, mais ou menos, participam?

J.M. – Mil e trezentas pessoas já foram escritas esse ano.

P.J. – E daqui da sua região, da sua comunidade, quantas pessoas mais ou menos?

J.M.– Daqui eu não sei quantas tem porque isso não sou eu que... Isso aí é lá da Secretaria que eles que tem que inscrever lá, tem um professor que faz. Eu podia saber, mas é muita coisa para mim.

P.J. – Todas elas são envolvidas com o PELC?

J.M.– Não.

P.J. – Essas do Câmbio, não?

J.M.– Não, não, ninguém ali do Ararigbóia está envolvido com o PELC. Alguns professores poderiam estar envolvidos com o PELC, mas eu não sei te dizer quem é, a Rejane pode te dizer.

P.J. – O PELC tem três tipos de festas, de encontro com a comunidade, né?

J.M.– Tem, eu participava.

P.J. – O senhor participou, e aqui aconteceu alguma?

J.M.– Aqui no Ararigbóia?

¹⁰ Jogos Adaptados para Idosos, realizados na cidade de Tramandaí.

P.J. – É.

J.M.– Não, o PELC não atuava no Ararigbóia.

P.J. – Nas comunidades que o senhor visitava aconteceram esses eventos?

J.M.– Aconteceram festinhas, até com comes e bebes. Eles traziam alguma coisa para gente tomar ou comer.

P.J. – Teve algum momento em que todos se encontravam? Dessas regiões que o senhor visitava.

J.M.– Tinha, tinha esses encontros assim, e teve duas coisas muito importantes. Eu fui do Orçamento Participativo também e o Orçamento Participativo é uma coisa muito boa. Eu moro ali na Avenida Bagé, então, a minha vida era ali, é como eu dizia: “Era uma redoma de vidro”, que a gente diz. A gente se fechava e não saía, não enxergava nada, não via perigo nenhum, não via nada. Quando eu fui ao Orçamento Participativo, eu fui para conquistar um equipamento de musculação aqui para o Ararigbóia, e eles já tinham ido antes. Conquistaram o ginásio, a iluminação do campo, tem cinco equipamentos esportivos que foram conquistados no Orçamento Participativo. Lá a gente convive com todas as categorias sociais e isso eu acho muito importante, porque tu começa a enxergar. Tu te queixa da vida, mas tu não tem ideia lá na outra ponta o que estão passando. Tipo assim: a comunidade da Restinga¹¹ pediu uma sala ou um colégio que seja, enfim, uma demanda, uma praça, um centro esportivo, e a gente vão lá então, entra em contato com a comunidade, com as lideranças de lá para saber das dificuldades deles. A gente começa a presenciar isso aí, a gente começa a enxergar essas coisas, e o PELC completou para eu enxergar mais ainda.

P.J. – Teve alguma dessas comunidades...

J.M.– Ah! Eu queria te falar...

P.J. – Pode falar. [riso]

J.M.– Desculpe. Eu queria te falar duas coisas importantes que aconteceram, foram os seguintes: o Encontro Nacional em Brasília e o Encontro aqui no Rio Grande do Sul em São Leopoldo, o qual eu participei, eu fui.

P.J. – No Encontro Nacional o senhor foi também?

J.M.– Eu fui, também foi outra coisa espetacular para mim, porque eu era funcionário do banco, então a gente é mais ou menos isso aqui assim, tu não desenvolve. Lá dentro tu é desenvolvido para trabalhar lá dentro, mas tu não tem esse desenvolvimento, essa liderança que tu pode exercer em comunidade, essas coisas assim. Bom, aí fomos lá em Brasília, tinha gente de todo o país lá: os nordestinos, os paraenses, amazonenses. Quer dizer, gente que eu nunca tive contato, porque eu não gosto muito de viajar. Eu tive quatro filhos e nunca deu para ir muito longe. [riso] Então, eu gostei disso aí, até levei minha mulher junto em um desses, eu paguei as despesas da minha mulher para ela ir junto, e ela também gostou. Eu queria que ela tivesse também visto o que eu estava vendo, o que eu estava sentindo, é importante isso no casal, e ela gostou muito. Depois, tivemos em São Leopoldo aqui, também tinha bastante gente, todo o estado do Rio Grande do Sul. Aqui esteve aquela menina, aquela de Bagé, né?

P.J. – Ah, sim, a Ana Elenara¹².

J.M.– É.

P.J. – Nesse Encontro Nacional, o senhor lembra o que foi discutido, o que lhe chamou mais atenção?

J.M.– As experiências que eles tinham. Eu também como sou idoso, agora eu defendo o idoso, principalmente dessa tendência que a sociedade tem de avacalhar o idoso, e outros

¹¹ Bairro da zona sul da cidade de Porto Alegre.

¹² Ana Elenara da Silva Pintos.

também, mas principalmente o idoso. Tu pode ver que a placa que diz lá do idoso é um velho assim numa bengala, que não me representa. Eu não sei por que é aquilo ali, até nem tenho ideia de como deveria ser, mas enfim, aquilo ali não me representa. Eu passei o dia inteiro jogando ontem; no dia anterior, toda a tarde; agora hoje, tinha treino, mas eu não vou porque eu também não posso me expor demais. Eu não tenho dor, não sinto nada, mas eu acho que se eu começar a fazer muito, eu vou acabar sentindo. E essas experiências... Eu me lembro que tinha uma senhora lá que era idosa também, que começou a esculhambar, começou a falar que os idosos só serviam de motivo para humor e para ridicularizar. Eu não acho! Eu como idoso sou muito respeitado, me acho o máximo, todo mundo me respeita, me trata bem e se algum fizer uma menção de ridicularizar, eu na mesma hora já protesto. A gente organiza os Jogos de Tramandaí, enquanto idosos, se encontra uma comissão de idosos, porque foi o seguinte: em 2010, tinha um governo aqui no Rio Grande do Sul que não fez os Jogos dos Idosos, não, foi em 2009. Em 2010 nós começamos desde cedo a protestar, ir lá na Secretaria falar com presidente da FUNDERGS¹³ e, numa dessas, o Secretário disse assim para nós: “Eu faço um desafio para vocês, vocês se organizem e façam os jogos.” Aquilo era um absurdo para nós, mas a gente teve um apoio do Conselho Estadual do Idoso e da Prefeitura de Tramandaí. Eu cheguei a uma conclusão que quando a gente tem esses propósitos, a gente sempre recebe apoio. Vocês que estão aqui, você não sentem que, às vezes, pessoas que vocês nem imaginam dão apoio para vocês, e a gente fez os jogos. Aquilo é um movimento, mil e tantas pessoas, e é camiseta, preparar os grupos de trabalho que vão tomar conta do Câmbio, do Handebol, do Basquete Relógio, esses são outros tipos de esporte, das recreações, dos bailes, é complicado aquilo ali, essa parte. Nós pagamos tudo, o que já é uma grande vantagem para o governo porque nós pagamos transporte, alimentação e habitação, e nós organizamos os jogos. Então, a partir daquele ano, a gente passou a fazer parte da secretaria que organiza os jogos, a FUNDERGS, enquanto comissão de idosos. Enquanto comissão de idosos, nós resolvemos fundar uma Federação de Jogos Adaptados para Idosos da qual eu sou presidente. Com isso, a gente está desenvolvendo, a gente padronizou regras porque sempre era uma confusão enorme. Fui jogar lá em São Leopoldo: “Aqui a regra é assim”, aí lá no outro: “Aqui a regra é assim”, então fizemos uma regra padrão. Fizemos já um curso de arbitragem porque não tem árbitros, né?

¹³ Fundação do Esporte e do Lazer do RS.

P.J. – Sim, claro.

J.M.– E damos apoio para todos esses torneios que eu te falei, é no mínimo dois a três torneios por mês. O pessoal vai, eles pegam a van de manhã e voltam de noite. Lá, por exemplo, eles faziam baile à fantasia para os idosos. Baile à fantasia para idoso é a coisa mais ridícula que existe porque aí sim avacalha, ninguém vai fazer fantasia para ir lá, então, eles improvisam. Eu nem vou te dizer as improvisações, tá? Colocar os negócios de fora, as pernas de fora. A professora me disse assim: “Ah, Maciel, mas isso aí é sinal do tempo, da idade.” Tudo bem, é sinal da idade, mas porque é sinal da idade tu vai estar te expondo todo. Aí, acabei... [riso] É para rir mesmo, pode rir. Acabei, não tem mais baile à fantasia, é baile à rigor aqui, é roupa de passeio. Vocês tem que vir bem arrumados, bem bonitos, bem produzidos, porque senão a gente ajuda eles a avacalharem a gente. Nunca mais eles avacalharam. O ano passado teve um lá: “Vocês não estão entendendo, eu queria fazer um baile... Como é? Me faltou a palavra.” É tipo de um tema...

P.J. – Temática.

J.M.– Eu digo: “Tudo bem, é muito boa a tua ideia, mas pode crer que vai cair na gandaia, que vão fazer cada fantasia que vai ser um horror.” Mas para quê a gente usava sempre baile à fantasia? Não é mesmo?

P.J. – Voltando um pouco... O senhor falou dos encontros, tem alguma diferença mais marcante dos encontros que aconteceu esse em Novo Hamburgo para o Nacional? Essa troca de experiências com outras pessoas?

J.M.– No fundo foi a mesma coisa, lá era Nacional, lá eu gostei. Achei muito importante que a gente trocou ideias com eles porque a gente viu muita coisa, e a gente nem viu tudo porque alguma coisa a gente conseguia captar, as atividades que eles faziam, como eles faziam e nós expomos a nossa. Foi uma época assim... Eu até intervim quando aquela senhora falou, eu digo: “Olha, só se é na tua terra, lá em São Paulo, porque lá no Rio Grande do Sul não tem esse negócio de achincalhar com o idoso”.

P.J. – O senhor trouxe alguma experiência nova para a comunidade que ouviu lá?

J.M.– Eu fui muito solicitado na época, eles queriam saber, por exemplo, jogos adaptados. A gente já jogava, eles gostaram muito quando eu falei nisso, mas isso é de mim para eles. Vários grupos me procuraram para saber como é que jogava, mas eu não me lembro se eu captei alguma coisa que achei interessante... Achei interessante esse contato, para mim foi uma coisa muito importante.

P.J. – Agora o senhor comentou, acho que a Suellen¹⁴ também não conhecia, que tinha uma Federação de Jogos Adaptados para idosos.

S. R. – Pois é, achei superinteressante.

P.J. – Achei muito interessante também. Como surgiu essa ideia de fazer uma Federação? Em relação a demanda que tinha de jogos, quantos jogos, quem são essas pessoas? Por exemplo, o senhor comentou do Curso de Arbitragem, quem são essas pessoas que fazem esse curso?

J.M.– A Federação surgiu porque já falei do negócio de ter muita reclamação. Depois, enquanto Federação nós realizamos os Jogos de Tramandaí do ano passado e vamos realizar esse ano de novo. Foi por essa razão, muita discordância, por exemplo, a regra é nove atletas... Pena que eu não trouxe, podia ter trazido um livro lá... São três homens e seis mulheres, isso foi pensado por uma pessoa aqui da universidade, até vocês conhecem: Eliane Jost Blessmann.

L. M. – Sim, ela faz parte do CELARI¹⁵.

J.M.– Ela e mais um outro grupo de pessoas que pensaram esse jogo. Então, eu acho que essa referência dos três homens e seis mulheres é alguma coisa assim, não vou dizer que científica, mas foi uma coisa bem pensada por educadores tipo a Eliane Blessmann. Tem que haver uma referência, porque se botar seis homens e três mulheres, o que vai acontecer? Os homens vão preponderar e as mulheres não vão querer jogar mais. Agora, já

¹⁴ Suellen dos Santos Ramos, entrevistadora.

está um pouco diferente porque agora elas estão ficando bem fortes, mas enfim, sempre há uma discrepância, então elas não vão querer mais jogar, vão se afastar. Bom, a idade... Jogavam com cinquenta anos, nós enquanto Federação estipulamos que é sessenta anos porque o idoso é com sessenta anos. Se lá em tal lugar vocês quiserem jogar com seis homens e três mulheres ou com menos pessoas, vocês jogam, mas todo jogo que tiver o apoio da Federação, que publicam o logo ali da Federação, tem que ser as regras da Federação. Para essas coisas assim, entendeu? Aquilo ali é uma referência, é sinal de que aquela quantidade de homens para aquela quantidade de mulheres é o ideal. E eu acho que uma das grandes forças, uma das coisas que possibilitou que o Câmbio se desenvolvesse, exatamente foi por ser é misto, porque se fosse só homens ou só mulheres, pode ser que não tivesse esse desenvolvimento. Mesmo que fosse a mesma Federação, acho que não teria, acho que é misto, seis mulheres e três homens.

P.J. – E a questão da arbitragem que eu perguntei...

J.M.– Ah, da arbitragem... Foi, nós fizemos o curso de arbitragem. Bom, nós que somos, éramos quatro... Quatro pessoas da Federação fizeram o curso de arbitragem. Nós tivemos quarenta e uma pessoas. Eram educadores físicos, que são responsáveis, coordenadores dos diversos grupos. Veio gente até de São Paulo das Missões, que é lá na Região das Missões perto de Santa Rosa. Veio gente de Santa Rosa também. Eu não sei dizer as quantidades que vieram de cada um, mas teve quarenta e uma pessoas. Alguns jogadores de Câmbio fizeram.

P.J. – O senhor tem notícia de outras Federações, como a que tem aqui no Rio Grande do Sul, em outros estados?

J.M.– Não, eu não tenho notícia. Alguém falou que em São Paulo tem uma outra Federação, mas o que eles jogam lá é diferente do nosso Câmbio aqui.

L. C. – Maciel, fazendo um retorno lá ao convênio do PELC, o senhor disse que tinha um transporte que vinha buscar para levar... Eu gostaria de saber se o senhor fazia essa

¹⁵ Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física do Idoso, sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

presença atuante dentro desses grupos somente aqui na cidade de Porto Alegre, ou se abrangia também a Região Metropolitana? E quando o senhor olhava lá *in loco* e observava que o convênio não estava dando certo, o senhor fazia um relatório ou passava isso para quem?

J.M.– Eu fazia um relatório para a coordenadora do PELC.

L. C. – Eles tomavam alguma providência? Eles lhe repassavam, aí quando o senhor retornava...

J.M.– Não...

L.C. – Via que aquilo já tinha sido retomado de alguma outra forma, ou o senhor notava que aquilo continuava do mesmo jeito? Se tinha tomado uma providência?

J.M.– Não me lembro bem assim se eu tinha...

L.C. – Um retorno...

J.M.– Uma interação, um retorno nesses termos assim de saber se eles tinham mudado... Eles mesmos reconheciam, às vezes, as dificuldades. Eles reconheciam certas dificuldades e concordavam comigo e ficava nisso assim. Não tinha... Eu mandava por escrito, né...

P.J. – Maciel, tem alguma coisa que a gente não perguntou que você gostaria de comentar?

J.M.– O que eu me lembrei de te falar, justamente foi isso dos Jogos Adaptados que eu acho que é uma evolução isso aí. Quando eu falo em desenvolvimento é porque o jogo... Vocês são professores, educadores físicos?

P.J. – Sim.

J.M.– Por exemplo, a gente na idade que está não é master, tá? É gente que nunca jogou e que agora resolveu jogar, tem uma diferença. Isso deu um desenvolvimento muito grande

para gente: agilidade, coordenação motora, entre outras coisas mais... Respeito pelo colega, pelo árbitro, pela mulher que está em cancha. Muitas coisas que a gente começou a perceber, por exemplo, às vezes o pessoal chutava a bola. “Não dá para chutar, bate aqui assim no seio de uma, pode ter até um problema, né?”. Então, é por isso que eu digo que isso aí melhorou. É por isso que eu digo que melhorou muito na vida dos idosos. Eles não querem saber de outras coisas, eles só querem saber de jogar, ninguém fala nada. Vocês precisam assistir, ali no Ararigbóia tem treino hoje. Eu não fui porque eu já tinha jogado dois dias aí...

P.J. – Dar uma folga. [risos]

J.M.– Dar uma folga até porque a gente tem reclamação em casa. [risos] Ontem ela disse assim: “É, eu não sabia que eu ia te apresentar lá no Ararigbóia e depois tu não ia ter tempo para mim”.

P.J. – Ela não joga também com o senhor?

J.M.– Não joga, a minha mulher é muito limitada, por causa disso ela sofre que é um horror de dores, é diabética, tem aquele negócio nas pernas, né. Ela não fica muito tempo em pé, tem que estar sentada. Ela tem setenta anos, e eu estou com setenta e sete muito melhor do que ela. Eu não me importo que ela reclame. Ela não me proíbe de nada, não diz: “Não, não vai”. Eu digo para ela que vou, mas às vezes a gente ouve essas coisinhas. [risos] Já imaginou eu hoje ir de novo lá jogar até às cinco da tarde.

L. C. – Ia dar problema. [risos]

J.M.– “Ah, porque eu tenho que fazer isso amanhã... Porque eu tenho que fazer aquilo...”. E eu tenho que levar, né. Então, tá, vamos levar. [risos] Mas faz parte.

P.J. – Maciel, da nossa parte era isso. Qualquer coisa a gente recorre ao senhor de novo, qualquer dúvida que ficar. Acho que essa parte da Federação e dos esportes para idosos é uma coisa que a gente vai ter que conversar numa outra ocasião um pouquinho mais aprofundado, pra gente conhecer também.

J.M.– Isso é muito importante!

P.J. – Porque eu não tinha conhecimento, acho que a Suellen também não. Isso é uma iniciativa que as pessoas precisam conhecer até para disseminar essas ideias para outros lugares.

J.M.– Eu vou te trazer um livrinho que tem de regras. A gente está publicando um novo agora que a gente revisou, a gente não mudou as regras. Porque, como eu disse, foi um grupo bem importante da época lá. Eu convivi com a Eliane Blessmann porque ela era do Conselho Estadual do Idoso durante um tempo e quando a gente assumiu os Jogos de Tramandaí, naquela época, ela que estava lá e nos deu força. Ela trabalha aqui, né?

L. C. – Ela trabalha aqui no CELARI.

J.M.– Eu achei sensacional isso aí, depois ali tem mais detalhes disso. Surgiu com a Constituição de 88 que estabeleceu a temática idoso, foi a primeira que falou em idoso foi essa Constituição. Daí surgiu a Política Nacional do Idoso que eram ações governamentais que, aqui no Rio Grande do Sul, eles pegaram essa do esporte. Porque antigamente não tinha, se um idoso queria jogar vôlei tinha que ser nas regras da Federação ou Confederação de Vôlei e assim por diante. E não eram próprias para a nossa faixa etária, então não havia um estímulo para tu jogar. Eu tinha uma outra coisinha agora que me fugiu, mas volta daqui um pouco...

P.J. – Quanto a essa coisa de arbitrar, de curso de arbitragem ou de torneios que tiverem, a gente pode divulgar aqui na Escola de Educação Física, que eu garanto que a maioria dos estudantes de Educação Física não sabe que existem essas práticas.

J.M.– E tu quer ver o melhor de tudo? É essa parceria que a gente faz para fazer os Jogos de Tramandaí. Olha aqui, é a FUNDERGS, que ela entra com o dinheiro para fazer o grosso, aquilo lá, para montar o espetáculo, como eu disse. A Prefeitura de Tramandaí que entra lá com o ginásio, com o auditório lá no prédio da Prefeitura, isso aí, e eles não nos cobram nada. As universidades que nos concederam até professores já várias vezes, e

atualmente várias secretarias da Região Metropolitana. A Secretaria de Esportes nos cede professores e educadores físicos para coordenar os jogos lá de Câmbio, o Relógio, aquela coisa toda. E nós mobilizamos cerca de cinquenta universitários. Está aberta a inscrição no site da FUNDERGS, nós vamos capacitar eles agora no dia 17 lá na Ulbra¹⁶ de Gravataí. O que é capacitar? É ensinar para eles o Câmbio, o Relógio, o Handebol, para eles saberem e inclusive apitarem lá porque eles são jovens universitários ainda. Eles gostam muito, e os idosos adoram eles porque eles se tratam bem.

P.J. – Essa integração intergeracional é muito importante.

J.M.– Muito importante isso aí.

L.C. – Maciel, quantos dias são de atividade lá?

J.M.– Quatro dias. A gente chega na quinta-feira, a partir do meio dia está havendo recepção e distribuição de camisetas, essa coisa toda. Em seguida tem o congresso técnico. Na sexta-feira todo o dia tem jogo, já começa de manhã as oito ou nove horas tem jogo em quatro ou cinco quadras lá. É Câmbio, Relógio, é Basquete Relógio que eles chamam. É meio sem graça, mas tem gente que gosta, né? O Câmbio mesmo é mais... E o Handebol... O Handebol nós achamos que é mais violento que o Câmbio porque às vezes os caras dão bolada, no chão assim, repica, pode perder uma pessoa. Já o Câmbio, não, tu está esperando e pega a bola. Tu tinha me feito uma pergunta, e eu estava respondendo...

L.C. – Quantos dias.

J.M.– Ah, tá! A gente joga todo o dia e de noite tem um baile. O baile é das oito às onze da noite. No outro dia a mesma coisa, outro baile. O que a gente quer mais, né? Tu joga todo dia e de noite festa. [risos] Não tem que arrumar a casa, não tem que limpar a casa. A gente fica em um hotel, eles estão cobrando sessenta reais a diária por pessoa. Quem não quer jogar vai passear pela cidade. Praia não dá porque novembro não dá praia. No domingo de manhã a gente faz uma caminhada pelo Centro de Tramandaí e depois faz uma atividade lá assim, uma dança circular, uma ginástica coletiva.

¹⁶ Universidade Luterana do Brasil.

L. C. – Uma coisa mais recreativa.

J.M.– Sim, para abranger todo mundo junto. Dali em diante, o pessoal já começa a ir embora. Isso aí vocês deviam anotar, qualquer coisa você me telefona que eu te digo. Tramandaí tu até poderia ir, é interessante como funciona.

P.J. – É uma vez por ano que acontece os Jogos?

J.M.– Uma vez por ano. Nós estivemos ontem ou anteontem aqui no Ginásio Tesourinha, só que aqui é municipal, né. Tinha também bastante gente. Eu gosto muito disso aí e não há nada melhor do que a gente fazer aquilo que gosta.

P.J. – É verdade.

J.M.– Que nem vocês. [risos]

P.J. – Maciel, da nossa parte acho que era isso. Colocamos a disposição também, se o senhor precisar, é só nos telefonar.

[FINAL DA ENTREVISTA]